

05-08-2020

O sovaco de Bolsonaro

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Por conta da pandemia, nosso encontro habitual de brasileiros e simpatizantes em Bogotá, foi na casa do Ramón. Os bares e restaurantes estão à meia-bomba.

Por sermos esquerdopatas, buscamos respeitar o isolamento social. Aliás o que mais se vê no mundo pendendo à direita, à extrema direita, à ultra-extrema direita, ao centro direitista, à centro-esquerda de direita e à própria esquerda duvidosa com tiques à direita, é que nós, esquerdopatas, estamos sendo condenados ao isolamento social. Esquerdistas sem amarras partidárias e mitômanas, somos hoje párias, aqui, no Brasil e em toda a América Latina. Isolamento social amplificado. Esquerda, volver!

Por isso, nos reunimos para beber e jogar conversa fora, sabendo que ela pode cair dentro de alguma cabeça ainda titubeante, ou oca mesmo. Ou, quem sabe, em alguma cabeça menos sujeita à imposição de mitos e de amarrações de um lado e outro. Microempresário que não abandonou sua esquerdopatia, Ramón sempre que fala mal do Brasil, começa dizendo que é a sua segunda pátria.

Uma vez lhe perguntei: por que essa coisa pelo Brasil?

Ele me deu uma explicação nada convincente.

Diz que passou 1 mês de férias em Salvador e foi a melhor “fase” da sua vida. A baiana que lhe mostrou os caminhos do Pelourinho durante a última semana de sua estadia carimbou a bandeira brasileira em seu peito de colombiano bolero. Fingi que acreditei no argumento.

A reunião foi uma das melhores desde a inauguração do MASB [Movimento de Amigos e Simpatizantes do Brasil] aqui na Colômbia. Estamos aprimorando nossas retóricas. A única regra é amar o Brasil, amar o sonho latinoamericano de união de suas pátrias e sofrimentos comuns e, principalmente, ouvirmos os roncões do ‘gigante adormecido’ para melhor olharmos para o que se passa por aqui. Difícil. Difícil falar sério do Brasil nos dias de hoje.

Seria como falar sério de Donald Trump, o sequaz de um mundo pior do que já é. À medida que a pandemia foi avançando e Bolsonaro, imitando o bufão imperial que lhe dá ordens, o MASB passou às piadas. Como fazer projeções sérias e diálogos epistemológicos com Bolsonaro?

Impossível. O futuro tratará esse governo como a história trata os que colocaram o mundo no seu sovaco. Pois, o tema da última bebedeira na casa do Ramón foi exatamente isso: o sovaco de Bolsonaro. Há um colunista da Coluna Opinião, Eguimar Chaveiro, que aprecia sovacos. Baseado em suas expressões, convidei nossos convivas do MASB a olharem para esse recôndito esquecido do presidente brasileiro: o sovaco. Pois se o sovaco de Trump é fácil de imaginar, o de Bolsonaro nem tanto. Trump e seu sovaco são explícitos...

Aqueles fiapos classificados entre pelos e pentelhos, provavelmente pintados com tinta guache dourada, sem banhos semanais regulares, suados de *twitters* e *fakenews* escorrendo pelas camisas brancas e alcançando as gravatas. Sovaco, por analogia geográfica, aproximado ao perímetro podendo e à boca do sequaz, demonstrando suas reações eloquentes, ainda que devidamente escondido das multidões enlouquecidas e embevecidas pelas palavras raivosas e de incitação ao ódio. Mas, o assunto não é o sovaco do Trump. Como será o sovaco do Bolsonaro?

Fizemos uma rifa. Ramón providenciou aquele antigo jogo de víspera. Acá chamamos LOTO.

As perguntas eram numeradas e cada um dos seis membros fundadores do MASB passariam a preencher suas cartelas.

O vencedor estaria liberado da ‘vaquinha’ (“prorrato”, “gatito”) da cerveja. Para estabelecer a regra do jogo, levamos pelo menos duas horas. Tempo suficiente para ficarmos todos embriagados (“borrachos” em linguagem local).

Ao fim, ficou assim: cada pergunta tinha um número: 17; 22; 34; 45, 59 e assim por diante, números aleatórios da LOTO.

Cada um, pela ordem alfabética, respondia a uma pergunta.

Esse respondedor tinha direito a preencher os números próximos, até duas casas, ao número de sua pergunta.

Por exemplo, à pergunta 17, aquele que respondesse podia preencher os números 15, 16, 17, 18 e 19 de sua cartela.

Quem concordasse com a resposta preencheria a cartela com todos os números que tivessem como resultado a soma do número da pergunta. Por exemplo: 17. Somando $1 + 7 = 8$.

Quem concordasse com a resposta preenchia os números 08, 17, 26, 35, 44 etc., todos cuja soma fosse 8. Quem discordasse da resposta preencheria os números da subtração.

Por exemplo: pergunta 17, $7 - 1 = 6$. Assim, no caso, os números preenchidos seriam: 06, 17, 28, 39 etc. Todos os números que subtraídos entre si dessem como resultado 6.

Fomos ao jogo. **Pergunta 17: O sovaco de Bolsonaro é raspado?**

Resposta: SIM! Pergunta 22: O Bolsonaro deixa o seu sovaco ser lambido? Resposta: NÃO! Pergunta 34: O Bolsonaro usa que tipo de desodorante? Resposta: À base de cloroquina.

Pergunta 45: O sovaco de Bolsonaro foi atingido pela facada?

Resposta: É provável. Pergunta 59: Trump passaria o dedo no sovaco de Bolsonaro? Resposta: NÃO!

Pergunta 09: Bolsonaro passaria o dedo no sovaco de Trump?

Nessa hora deu uma confusão. Ramón tinha ido pegar mais cerveja e Vinícius, nosso sócio mais sóbrio, quando estendeu a mão com o copo ávido derrubou várias cartelas.

Até acalmar a galera foi um perrengue.

Sabem como é, nunca se sabe até que ponto as FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] estão infiltradas e podem ressurgir. Ainda mais no seio de esquerdopatas antipartidários. Pedrinhas espalhadas pelo chão, gritos confusos, confesso que me deu saudades da minha cama no período do *lockdown*. Travesseiro solidário. Num arroubo tirânico, pedi a palavra e decretei com majestade: Pessoal, estamos todos felizes, o jogo deu empate, vamos beber e decretar que o sovaco de Bolsonaro é um grande mistério!!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.